

ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU
EDIÇÃO Nº13 MAIO DE 2006 - ANO 4

FMI
V de Vingança
Rita Lee



Entrevistão com
Fernanda Takai

Pode não estar estampado na capa desta edição, mas fico feliz em informar que o projeto Elefante Bu faz aniversário. São sete anos de algum trabalho, várias fases, uma tentativa de encerramento de atividades, e acima de tudo, uma satisfação gigantesca. A história é mais que conhecida para algumas pessoas, mas vamos lá para mais um pequeno resumo. Afinal, não tem a mínima graça celebrar sem lembrar de todas as coisas que deram origem à série.

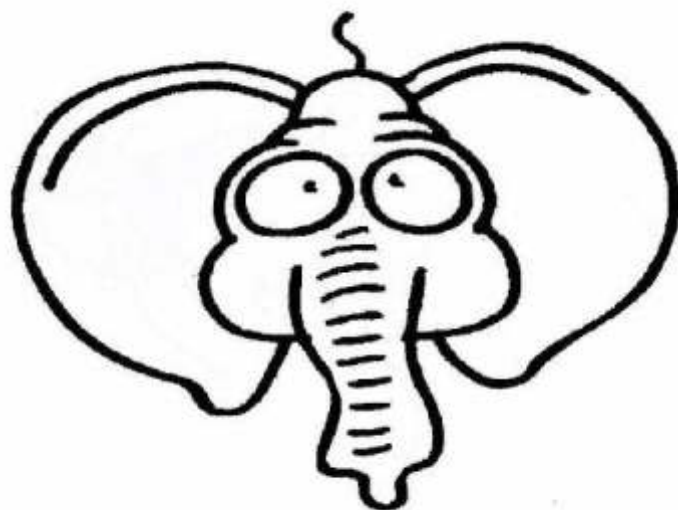
Tudo começou numa atividade corriqueira da faculdade durante o meu primeiro ano no curso de Comunicação Social. Era para fazer um fanzine. Fiz este. Bom, nada parecido com o que é visto na atualidade. O Elebu original não passa de cinco páginas feitas no Word. E o conteúdo é tão ruim que nem me arrisco a ler nos dias de hoje, porque isso seria um ato de tortura. Veio a evolução do papel para a internet. Depois o primeiro fim em 2002. Em 2003 o zine virou um blog chamado Prófugo, que durou pouco mais de um ano. O Elebu ressurgiu em 2005 no papel e evoluiu com rapidez para a tela do computador, mas com distribuição por meio do correio eletrônico. E essa é a história.

De todas as fases, acredito que esse seja o formato ideal. O trabalho é bimestral, o formato é de revista e há a possibilidade de mexer com a editoração, que é uma área fantástica que todo jornalista deveria dominar. É preciso desenvolver a sensibilidade para trabalhar o texto em conjunto com a ilustração e a arte gráfica. Muitas das publicações teriam um salto de qualidade se houvesse maior aproximação entre o profissional do texto e o profissional que trabalha com o design gráfico. É uma pena serem poucos os que dominam e que tem interesse em todos os lados do processo de uma publicação. Menos ainda são os que procuram se aperfeiçoar.

O Elefante Bu ainda está em processo de transformação. Ele ainda não alcançou a sua identidade visual ideal, mas estamos trabalhando para que ele fique melhor e melhor.

É preciso agradecer aqui a todas as pessoas que formam ou formaram a equipe Bu ao longo de todos esses anos. São muitos que contribuíram de alguma forma e por isso é complicado citar todos. Alguns estão logo ali na coluna de créditos ao lado. Mas é impossível não fazer uma menção honrosa aos membros originais Marcelo Lemos, Loester Neto e Luiz Nogueira. Hoje o Marcelo é um respeitado engenheiro de rede, Loester quer ser funcionário público, e o Luiz trabalha no Banco do Brasil. Naquela época todos nós formávamos um quarteto de fanáticos pelo Pato Fu. Bons tempos!

Obrigada aos antigos colaboradores e a esses que continuam sendo meus grandes amigos. E vai um agradecimento aos novos colaboradores e amigos. Ainda temos um bom chão para caminhar e curtir.



7 anos!

ELEFANTE BU N° 13

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

REVISÃO:

Daniela Casarotto

CAPA:

Djenane Arraes

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Fernanda Takai, Daniela Casarotto, Georgiana Calimeris, Rita Maria Félix, Gizza Machado, Fábio Carbone, Loester Neto, Washington Ribeiro.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL E EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Já desmanchei minha relação, do Nervoso, é o que se pode colocar na categoria "música". *It's all right baby*, Komeda. *My little corner of the world*, Yo La Tengo, me fez pensar que essa banda foi mesmo subestimada. *Rebel, Rebel*, David Bowie. *Tiro ao Álvaro*, Elis Regina e Adoniran Barbosa. *Son Of A Preacher Man*, Dusty Springfield, da trilha de Pulp Fiction.

PATO FU/ CAPA

FERNANDA TAKAI

REPORTAGEM

FMI

DISCOS

Build Up

Hoje é o primeiro dia do resto de sua vida

My little corner of the world

Vou tirar você desse lugar

Anoche

FILME

V de Vingança

MUNDO GEEK

Super-heróis e a Filosofia

O GUIA

Poesia

Crônica

Mini-contos

FERNANDA TAKAI

Djenane Arraes e Loester Neto

Fotos: Washington Ribeiro

Quando o Elefante Bu foi criado há sete anos, o Pato Fu era um quarteto prestes a lançar o quinto disco, Isopor. John Ulhôa, Fernanda Takai, Xande Tamietti e Ricardo Koctus ainda curtiam o sucesso alcançado pelo Televisão de Cachorro (que rendeu o primeiro disco de ouro da carreira da banda). Hoje o Pato Fu é um quinteto com o ingresso de Lulu Camargo. A banda comemora o sucesso de crítica de Toda Cura Para Todo Mal, o oitavo disco da carreira que inaugurou um novo ciclo de trabalho. Os integrantes também começam a curtir o reconhecimento internacional de um trabalho que começou há quase 14 anos. Mas não foi apenas o número de músicos e o capricho na produção que mudou ao longo do tempo. John é hoje um produtor bem conceituado; Ricardo tem banda cover do Elvis Presley, além de ser fotógrafo; Xande ministra inúmeros workshops pelo mundo afora; Lulu Camargo tem outros projetos além do Pato Fu; e Fernanda Takai é mãe e também colunista semanal do Estado de Minas. Nessa entrevista, a cantora fala um pouco do momento atual do Pato Fu, fãs e responde a algumas curiosidades.

Elefante Bu - Depois de 14 anos de vida do Pato Fu, qual é a principal diferença que a banda nota dos seus fãs do começo da carreira para os de hoje? Essa pergunta se deve ao fato de a banda também ter mudado sua linha de estilo nesses anos.

Fernanda Takai - Ainda não são 14. O aniversário é em setembro! Muitos fãs das antigas continuam a freqüentar os shows, a ouvir os discos. Alguns têm filhos como a gente, os que eram estudantes estão construindo suas carreiras. Tem sempre um público novo que começa a nos escutar agora pela idade ou porque alguma canção foi especial. Tem gente bem mais velha que ouviu Pato Fu em programas de rádios dita "adultas" que nunca tinham prestado muita atenção em nós. Isso é muito bom. Existe a fidelidade e a renovação. Sinal de que a música que fazemos não tem data de vencimento e que estamos evoluindo nesses anos todos. Se a gente fizesse o mesmo disco após o outro, nem a gente se aguentava... talvez a banda nem existisse mais.

Elebu - A resposta que a banda recebe dos velhos fãs em relação aos novos trabalhos é no sentido de que o trabalho evoluiu (não só tecnicamente, mas em busca da identidade "Pato Fu"), ou que ele decaiu em relação ao rock mais "promíscuo" do início?

FTK - A maioria absoluta do retorno dos fãs dos primeiros anos sobre o que fazemos hoje é positiva. Acho que esta banda que temos atualmente é

superior ao formato inicial. Tanto em competência técnica quando em possibilidades criativas.

Elebu - A Fernanda fã é menos ou mais fanática com seus ídolos do que os fãs do Pato Fu?

FTK - Temos fãs com graus diferentes de adoração. Mas a maioria parece ser como eu sou em relação aos artistas de gosto. Sem exageros. Às vezes gostamos mais de um trabalho que de outro. O que importa é que há uma afinidade, uma empatia sempre.

Elebu - Os fã-clubes da banda são os mesmos dos anos 90? Que tipo de retorno um fã-clubes dá a uma banda?

FTK - Já tivemos mais fã-clubes organizados. Sei que dá muito trabalho cuidar deles. Desde o início fizemos questão de dizer que cada um era independente, não podiam esperar que a banda cuidasse de sua organização, por exemplo. Há artistas que montam seus próprios fã-clubes oficiais e cobram por isso, mas nunca achei isso uma coisa natural. Procuramos atender a todos nos shows, nas entrevistas... Para os fãs é excelente ser filiado a algum clube que tenha algum periódico, camiseta própria, promova troca de material etc. Artistas com fã-clubes numerosos podem promover bastante uma execução de rádio, votação em premiações, solicitar shows aos produtores, coisas assim. Eu já fui de alguns fã-clubes no passado. Os que funcionavam eram muito bons!



Elebu - Um momento marcante da história do Pato Fu foram os inúmeros "fãs-clubes-sites" que surgiram paralelos ao site oficial da banda. Eles ajudavam a divulgação do seu trabalho, ou acabavam desviando a atenção dos internautas para longe do site oficial?

FTK - Sempre nos ajudaram. E a gente se orgulha muito disso. Cada um com sua característica própria. Havia a Patofans - cooperativa de sites fu... Nada desvia a atenção de um site oficial, tudo converge cada vez mais pra ele. Aquela divulgação sempre nos fortaleceu.

Elebu - Um tempo atrás, numa entrevista a um grande jornal, você disse que "um dia, quem sabe, talvez" poderia fazer um disco solo. Hoje, quando todos do Pato Fu tem algum tipo projeto paralelo relacionado à música não te faz ter vontade de levar uma idéia nesse sentido adiante?

FTK - Se juntar todas as faixas que tenho gravado ao longo dos anos em discos de outros artistas, trilhas de filme, TV, especiais infantis, desfiles etc, já dava um álbum. Cada vez mais tenho a convicção de que uma carreira solo ou projeto solo meu só pode existir quando a banda acabar. O vocalista acaba concorrendo com a própria banda, pelo menos é essa minha opinião. Já chegam muitos convites pra eu me apresentar em formato "econômico" com a banda em atividade... imagine se existisse esse precedente? Não colocaria o Pato Fu em animação suspensa até quando me fosse conveniente apenas.

Elebu - O que a entrada do Lulu Camargo trouxe de melhor para o som do Pato Fu?

FTK - Uma mão de pianista de verdade! John sempre programou os teclados, mas ele não toca piano. Lulu é um músico muito versátil e tem extremo bom gosto nos arranjos. Ganhamos mais consistência, assim como aconteceu na entrada do Xande.

Elebu - Como você avalia a Fernanda Takai instrumentista? Estar cercada de quatro ótimos músicos não cria pressão em cima de você?

FTK - Claro que sou a pior instrumentista por aqui! O que toco é muito simples. Não sinto pressão nenhuma por causa disso, porque sei que evoluí muito como cantora, o que pra muita gente pode não significar nada (*n.E.: significa sim, a voz é um instrumento dos mais significativos*). Mas o importante é que eu tenho essa consciência e estou muito feliz com isso. Eu sei comunicar qualquer tipo de necessidade ou idéia musical a quem toca comigo, mesmo com todos os meus limites.



Mini-Biografia

Fernanda Barbosa Takai é natural da Serra do Navio, Amapá. Nasceu no dia 25 de agosto de 1971, sob o signo de virgem. É filha de Sílvia e Vitório, irmã de Vítor e Rafael, esposa de João Daniel, e mãe de Nina. Teve vida cigana na infância em decorrência do trabalho dos pais. Hoje mora em Belo Horizonte, MG. Na adolescência curtia The Cure, Blitz, Duran Duran, entre vários outros. Foi nessa época que formou a primeira banda, Data Vênia. Estudou na Universidade Federal de Minas Gerais, onde se formou em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas. Anos mais tarde, foi homenageada pela universidade como ex-aluna destaque. Foi sócia da empresa DMJ - Projetos de Comunicação, que montou com amigos, mas se desligou dela após o lançamento do disco *Tem Mas Acabou*. Fez parte do *Sustados Por Um Gesto*, banda que deu origem ao Pato Fu, junto com John e Bob Farias. No Pato Fu, compôs dez canções (sozinha ou em parceria) em oito discos.

Elebu - Resenha positiva no Chile, música nas rádios em Portugal... você acha que o Pato Fu está finalmente pronto para se arriscar além das fronteiras brasileiras?

FTK - Talvez a gente achasse que sempre esteve pronto... a verdade é que hoje a banda está melhor do que nunca. Os shows são melhores, os discos também. Então porque não mostrar um pouco disso lá fora se houver gente disposta a ouvir? Seria muito bom.

Elebu - Depois de Suzanne Vega, 10.000 Maniacs, Everything But The Girl, Pizzicato Five e Aterciopelados, quais são as novas vozes feministas ou bandas com moças à frente que fazem a cabeça da Fernanda Takai?

FTK - Emiliana Torrini, a Andrea Echeverri solo, Manuela Azevedo (Clã), Alison Goldfrapp, Érika Machado, Céu, Nina Persson (Cardigans), Daniela (Digitaria). E aquelas outras continuo a ouvir sempre!

Elebu - No novo disco tem uma música que é quase uma declaração de ateísmo "Uh, uh, uh, lá, lá, lá". Depois vocês lançam o clipe de "Sorte, azar" cheio de imagens do cristianismo que fazem a música ter uma outra interpretação. E teve as músicas "Deus" e "O peso das coisas (Maria e Gabriel)". Em uma música vocês assopram e na outra faz críticas com

associações "divinas". Afinal, qual é a de vocês?

FTK - Não precisa entender mesmo. Não temos nenhuma convicção religiosa. Temos é uma desconfiança em relação às instituições religiosas. Usar imagens cristãs no clipe foi uma escolha do diretor, o que não exclui uma leitura ateísta. O melhor de cada letra é que podemos ter imagens diversas associadas e cada pessoa usa seus próprios modos de "ver" a canção. Por que não trocar uma religião por sorte ou azar?

Elebu - Depois de 14 de banda, ainda tem gente que pergunta "porque Pato Fu"? Qual a história mais bacana que vocês inventaram para justificar o nome?

FTK - Sempre vai ter gente pra fazer essa pergunta. Até hoje perguntam pros Paralamas... Nenhuma história é mais bacana que a verdadeira!

Elebu - Já ficou animada para escrever um livro de crônicas? Pelo menos uma coletânea dos melhores textos ou fragmentos que você escreveu?

FTK - Pra isso não precisa mais animação, faz um ano que escrevo semanalmente. Os textos estão prontos. Como diz um amigo: agora que você já fez o trabalho, é só diversão! (escolher a capa, lançar)... Sim, é necessário escolher os melhores. Ainda não sei se vai sair logo. Quando eu morrer vai, tenho certeza.



MUDANÇA DE HÁBITO

que o mercado custa a enxergar

Georgiana Calimeris

O modo de consumir música está mudando e a indústria fonográfica é um empecilho para o processo de transformação do mercado. Esta é a conclusão do diretor executivo da Associação Brasileira de Música Independente, Jerome Vonk, e da gerente de conteúdo digital da Universal Music, Márcia Helena Almeida, durante palestra sobre negócios da música. O evento foi uma das atrações da Feira de Música Independente Internacional de 2006, em Brasília.

FMI
2006

A MAIOR FEIRA DE MÚSICA INDEPENDENTE DA AMÉRICA LATINA



Ninguém poderia imaginar que quando Thomas Edison inventou o gramofone, haveria uma revolução contínua e ininterrupta no modo de perceber os sons e a música. O aparelho pode ser considerado o precursor do e-mail, uma vez que foi criado com intenção de fazer gravações de telegramas e, assim, tornar possível ouvir as vozes de parentes e amigos distantes. O padrão de tempo de música estabelecido hoje em dia foi feito há 120 anos porque era o tempo que levava para a corda dada no gramofone acabar.

A indústria da música no Brasil é recente com 104 anos de idade, pois, o primeiro disco gravado no país foi feito em 1902. Assim como o gramofone revolucionou o mercado da música, o rádio, a tv e todas as mídias posteriores também enfrentaram o preconceito daqueles que detinham o poder de barganha neste universo. O avanço tecnológico, mais que nunca, prova que há uma mutação profunda no negócio da música.

De acordo com os palestrantes, o problema da indústria fonográfica ou das produtoras de discos não é que haja crise. O modo de consumir música é que está mudando e as grandes companhias não acompanham o que o mercado pede. O gosto pessoal de cada um determina a oferta do mercado.

A indústria fonográfica tem sido um empecilho para este processo, uma vez que sua visão limitada para o modo de vender música impede os consumidores de adquirir trabalhos de forma legal. Ou seja, aqueles que gostam e desejam ouvir música tem feito isto de modo ilegal. Em 1998, não havia como consumir música legalmente pela internet.

A melhor propaganda para qualquer um que trabalhe no ramo é o boca-a-boca, ou seja, as pessoas confiam na indicação dos amigos e não mais compram qualquer produto que esteja na TV ou no rádio. Afinal, com o advento das facilidades da internet, a informação está a serviço de qualquer um, seja sobre o que for, inclusive no meio musical. Desta forma, existe muita música e as pessoas não vão perder tempo à procura de um estilo que as agrade. Como os seres humanos se agrupam com semelhantes, os gostos musicais tendem a ser parecido. Assim a música penetra nas várias tribos, pois, os grupos que compartilham gostos similares em estilo também compartilham gosto musical. Por

isso, afirma-se que os meios de mídia da internet estão mudando o mercado.

O antigo caminho das pedras (formar banda, fazer demo, caçar investidor, namorar, casar e droga, sexo e rock and roll) não existe mais, embora as gravadoras continuem apostando nos velhos métodos. Não se pode confundir negócio da música com negócio dos discos (indústria de discos). A indústria fonográfica ainda alimenta os velhos estilos de marketing e vendagem, mesmo diante dos ventos da mudança, que começou com o Napster e continua a progredir em grande velocidade à medida que as novas tecnologias surgem.

Embora a rapidez da produção tecnológica propicie um mercado alternativo aos que fazem e vivem de música, ainda há discussões sobre as questões de direitos, pois, a base da indústria é gravar, licenciar e vender os direitos. Ainda se engatinha nestes temas, pois, há algo muito complexo em se discutir, uma vez que a música pode ser copiada e vendida com uma grande facilidade, sem que haja uma política que cuide adequadamente do assunto dos direitos autorais e pirataria. Deste modo, a música gravada juntamente com os direitos autorais e artísticos está se desmaterializando enquanto o novo modo de consumir música começa a tomar uma forma.

É justo dizer que as queixas da indústria fazem sentido, uma vez que a música não deveria ter sua distribuição gratuita. O custo de investimento em um artista é muito alto e envolve um processo de aposta e risco muito grande, que com o advento das novas mídias, ainda não pode ser medido economicamente. De qualquer modo, não existe selo independente, pois, 72% do que se produz está nas mãos das grandes gravadoras, ou seja, é um oligopólio.

Para ser bem sucedido nos empreendimentos musicais, qualquer produtor deve estar bem assessorado juridicamente. Afinal, qualquer coisa que aconteça em termos legais, há que se ter um bom advogado para prevenir ou arrumar as falhas que possam emperrar processos de gravação ou divulgação de qualquer trabalho na área.

De acordo com Jerome Vonk, o melhor produto que o Brasil tem para oferecer ao mundo é a música e o Brasil é extremamente rico com seus variados estilos musicais, prontos a serem exportados.



QUE TAL UM CHÁ?

Tamanha foi a minha felicidade quando adquiri os dois últimos discos que faltavam para completar a minha coleção dos Mutantes. Tinha desde o primeiro, de 1968, até o de rock progressivo *O A E O Z*, passando, é claro pelo *Tecnicolor*. Se você pensa que os discos restantes eram o *Tudo Foi Feito Pelo Sol*, de 1974, e o *Ao Vivo*, de 1976, errou! Dois discos dos Mutantes sem Rita Lee e sem Arnaldo Baptista, desculpe, mas não são mais trabalhos da banda. São apenas coisas feitas pelo Sérgio Dias usando o nome. Os discos que me refiro e que completaram a minha coleção foram o *Build Up* (1970) e o *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida* (1972). Apesar de serem atribuídos como os primeiros discos solos de Rita Lee, a verdade é que eles são dos Mutantes em todo seu esplendor.


Build Up não é exatamente "mutante", mas tem direção musical de Arnaldo Baptista (que também contribuiu com três canções, sendo duas em parceria com Rita), orquestração de Rogério Duprat, e participação dos integrantes (menos de Sérgio Dias, que na época foi radicalmente contra o lançamento de um "disco solo" de Rita). Começa com as duas do Arnaldo: *Sucesso Aqui Vou Eu* e *Calma*. A primeira abria o show-desfile produzido pela Rhodia e teve inspiração nos musicais estadunidenses. *Calma* teria tudo para ser um pop perfeito se a época não fosse psicodélica. O que chama atenção no disco é que na medida que as faixas passam, mais o disco sofre mutações na instrumentação e no humor. Termina perfeito com a excelente *Eu Vou Me Salvar*, um rock rasgado com toques soul.

Hoje É O Primeiro Dia Do Resto Da Sua Vida é disco dos Mutantes sim e em toda sua plenitude, mesmo sendo atribuído como o segundo solo de Rita. O que aconteceu foi que a banda já tinha lançado no mesmo ano o *Mutantes no país dos Baurets* e a gravadora não permitiu mais um num, mas deu sinal verde caso fosse um solo de Rita. Tudo porque na época o diretor da Polydor apostava que Rita seria a "próxima grande estrela" da música (e ele não estava errado, de fato ela foi e ainda é uma grande estrela). Muitos o consideram o melhor de todos, chegam a dizer que ele é o Sgt. Peppers brasileiro. E não é exagero.

A faixa de abertura, *Vamos Tratar da Saúde*, é impecável e traz uma mostra do que seria o absurdo da guitarra de Sérgio Dias nesse disco. O verso "que tal um chá pra gente se achar" é impagável. A faixa seguinte, *Beija-me Amor*, poderia ser considerada uma revisão da brincadeira feita com *Chão de Estrelas da Divina Comédia* ou *Ando Meio Desligado*. Essa impressão vai embora quando a guitarra canta. Sim canta! O disco explora rock, samba, bolero, tudo com toques psicodélicos e com a competência de uma banda que estava no seu auge criativo.

Meses depois do lançamento de *Hoje É O Primeiro Dia...* Rita Lee foi expulsa dos Mutantes. Arnaldo gravou mais um disco e saiu, decretando o fim criativo da banda. É ruim quando uma grande banda, talvez a melhor de todos os tempos do Brasil, tenha acabado por causa de mágoas que até hoje são mal resolvidas. Mas por outro lado, a separação possibilitou a gravação de discos quase perfeitos em 1974. Rita lançou o *Atrás do Porto Tem Uma Cidade*; Arnaldo fez *Lóki?*. Há mesmo males que vem para o bem.

pra gente se achar
rit



Our Little Corner of The World - Gilmore Girls

Me diz aí, em que lugar o garoto rebelde chega numa pequena/pacata/adorável cidadezinha e Elvis Costello começa a cantar "This is hell/ this is hell/ I am sorry to tell you"? Que o cachorro se chama Paul Anka? Que uma das protagonistas vai uma festa de fantasia de personagens do Tarantino vestida de Go-Go (a japonesa adolescente psicótica que fez um belo estrago em Uma Thurman no filme Kill Bill)? Que tem o metaleiro Sebastian Bach no elenco e a produção ainda o coloca para tocar música da Gwen Stefani? A resposta é Gilmore Girls, a série que por trás da adorável história entre mãe e filha, é cultura pop pura. E a trilha sonora não podia ser diferente. Há vários discos oficiais e não-oficiais espalhados pela rede e pelas lojas. O mais fácil de achar é o primeiro disco *Our Little Corner of The World - music from Gilmore Girls*. O nome foi retirado de uma música do Yo La Tengo. São 24 canções de grandes bandas/artistas, entre elas Elvis Costello, Ash, Jesus and Mary Chain, Beck, PJ Harvey, The Cure, entre outros. Todos os discos da série formam um track list de mais de 80 canções, onde vão somar aos já citados: Yoko Ono, The Clash, Cindy Lauper, Culture Club, Travis, The Velvet Underground, Wilco, Marcy Gray, várias bandas indies americanas e européias, como os suecos Komeda. Há coisas inusitadas, como Doris Day, Sister Sledge, The Free Design e Captain and Tennille. E você ainda pode encontrar coisas que nunca tenha ouvido falar, mas que é bom! Por essas e outras que as trilhas do seriado Gilmore Girl precisam fazer parte da sua coleção.



Vou Tirar Você Desse Lugar - Tributo a Odair José



Odair José é cult, mas é ruim de ouvir. As letras são bregas e fazem justiça ao título de Odair de cantor das empregadas domésticas. Apesar disso, é muito justa a homenagem feita a ele em um disco tributo. Metade das faixas do disco são adaptações feitas por gente conhecida pelo grande público, que são Pato Fu, Paulo Miklos, Zeca Baleiro, Leela e mais alguns outros. A outra metade são versões de bandas independentes como o Columbia, Suzana Flag, Suíte Super Luxo, Los Piratas... O que é melhor é que todos, grandes ou pequenos, fizeram excelente trabalho e provam que mesmo uma letra brega ou ruim ganha alma com um bom arranjo e uma boa melodia. Faz com que se aprecie com gosto, por exemplo, a melosa *Cadê Você*. "O tempo vai/ o tempo vem/ a vida passa/ e eu sem ninguém/ cadê você/ que nunca mais apareceu aqui". O mérito no caso foi do Sufrágio. Todos que participaram do tributo valorizaram muito Odair José e fizeram valer a pena ter o disco em casa.

Anoche - Babasonicos



O sexteto Babasonicos é uma banda de rock de primeira que está correndo o mercado latino de língua espanhola desde 1991. A música é mesmo de primeira, um pop-rock perfeito muito melodioso e boas canções. O disco mais recente, *Anoche*, o mais recente do sexteto, traz uma seqüência de faixas incríveis. As músicas *Carismatico*, *Yegua* e *Un Flash* são ligadas por um refrão, um verso, um toque de violão, formando um musicão de pouco mais de sete minutos. Cansativo? Nenhum pouco. É uma delícia de se ouvir. Há outras faixas que podem ser consideradas perfeitas como *Asi se habla* e *Solita*. Agora existe um grave defeito em relação ao Babasonicos: eles são argentinos, formados na grande Buenos Aires. Como vê, esse é mesmo um defeito incorrigível.

NÃO É O POVO QUE DEVE TEMER O GOVERNO,

Djenane Arraes

V de Vingança (V for Vendetta, Reino Unido/Alemanha, 2006) Foi-se o tempo em que filme baseado em quadrinhos significava uma história sobre alguém altruísta em um uniforme meio brega que arrisca sua vida para salvar o mundo das mãos de um vilão megalomaniaco. Desde a apresentação da violência gratuita dentro de uma estética revolucionária de *Sin City*, que tal afirmação se tornou incorreta. *V de Vingança* foi mais um que veio para quebrar tal regra.

Adaptado dos quadrinhos do genial Allan Moore, o filme traz a Inglaterra sob regime ditatorial num futuro não muito distante. A jovem Evey (Natalie Portman) é salva de um estupro pelo estranho mascarado V (Hugo Weaving). Logo ela descobre que o seu salvador é na verdade um terrorista prestes a iniciar um plano de vingança bem articulado, previsto para durar um ano. A data escolhida é 5 de novembro, dia de Guy Fawkes. Em 1605, Fawkes foi pego nos túneis abaixo do Parlamento com 36 bananas de dinamite com o objetivo de explodir o edifício. Seu objetivo era se vingar contra a tirania do governo de James I. Fawkes e seu grupo de conspiradores foram enforcados e esquartejados no dia 5 de novembro. Desde então essa data se tornou uma espécie de "dia da malhação de Judas" para os ingleses.

O governo inglês é concentrado nas mãos do chanceler Sutler (John Hurt), um sujeito de visão nazista (ele odeia mulçumanos, homossexuais e imigrantes). Assumiu o poder por meio de um golpe de Estado, daqueles que a população aplaude porque acredita que ali está o salvador de todas as mazelas (alguém já viu esse filme?). O chanceler diz que para manter a paz e a ordem, é preciso que a população seja dócil. Assim todos são controlados com uma única rede de notícias que passam a todo instante a ideologia do governo, há livros e músicas que são permitidos, toques de recolher, sistemas de vigilância em todos os lados. Tudo muito próximo ao que é descrito no livro *1984*, de George Orwell.

Mas as ações de Sutler criam V, um sobrevivente de experiências científicas realizadas numa espécie de campo de concentração. V é um homem complexo que possui grande sensibilidade para todas as formas de arte, conhecimento adquirido em milhares de livros, e tenacidade. Contudo, o "herói" usa idéias e métodos questionáveis para alcançar a liberdade. Acreditava, por exemplo, que se pode combater violência com mais violência. Uma "violência para o bem", como tentou explicar.

Evey é um contraponto às idéias de V e em alguns momentos ela se torna a sua consciência. Toda a família dela morreu vítima dos atos de Sutler, e ela ainda criança foi submetida a um programa de reeducação para ser um cidadão obediente. O que aconteceu é que Evey se tornou uma pessoa consciente de que seu governo era maléfico,



É O GOVERNO QUE DEVE TEMER O POVO

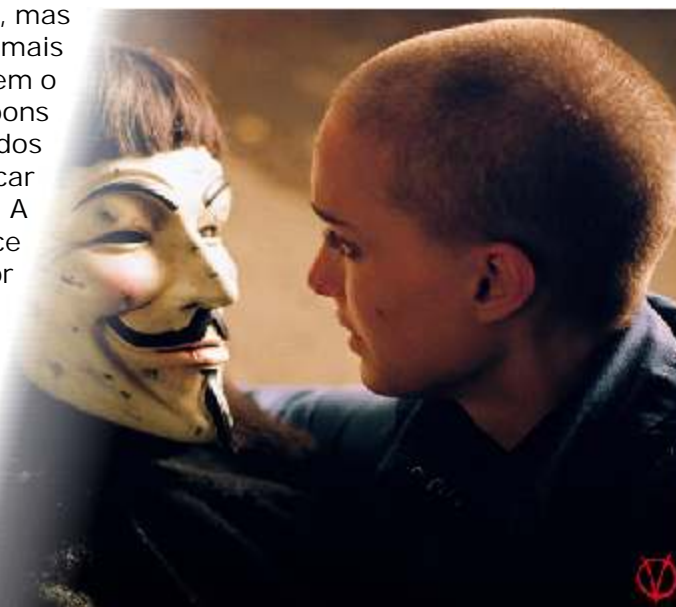
porém tinha muito medo de tomar qualquer atitude contra. Ao conhecer V, ela logo simpatizou com sua causa. Mas se por um lado Evey acreditava que mudanças eram necessárias e as pessoas precisavam de um despertar para agir contra a tirania, por outro, ela desaprovava o uso de atos de terrorismo e assassinatos para promover tal modificação.

Outro personagem fundamental é o inspetor-chefe Finch (Stephen Rea), que foi designado para descobrir a identidade de V e capturá-lo antes que seu plano de um ano de vingança fosse concretizado. Ele é a figura ética da história. Mesmo trabalhando para o governo, sua função é descobrir a verdade e é isso que procura fazer.

V de Vingança não foi um sucesso retumbante de bilheteria como também não deu prejuízo. Pagou as contas, e os produtores e a Warner ainda puderam aproveitar um pequeno lucro. O filme também dividiu crítica e público. Houve quem interpretasse como um estímulo ao terrorismo, outros falaram que era mais uma "botinada" na política de George Bush. Os fãs ortodoxos dos quadrinhos reclamaram porque o filme fez algumas modificações em relação a história original. Bobagem! Não se trata nem de uma ode ao terrorismo nem uma crítica direta a Bush. E nesse caso todas as modificações feitas em relação aos quadrinhos foram para melhor.

O grande mérito desse filme é que ele pede para que as pessoas parem para pensar sobre a sociedade, o governo e sobre si mesmas. Apesar de sentir simpatia inevitável por V e de sua forma de pensar, os produtores não o defendem e ainda colocam uma grande interrogação sobre as consequências de seus atos. Esse é o trunfo do diretor James McTeigue e do roteiro dos irmãos Wachowski (da série *Matrix*). *V de Vingança* não aprofunda questões políticas como em filmes como *Boa Noite e Boa Sorte*, mas ainda sim consegue pontuar assuntos relevantes com mais complexidade que a maioria dos *blockbusters*. Ainda tem o ganho de apresentar uma produção impecável, bons diálogos e atuações inspiradas, em especial dos protagonistas Hugo Weaving, que conseguiu colocar sentimentos atrás de uma máscara, e Natalie Portman. A intérprete de Evey, aliás, tem a sua melhor performance desde *Close*, quando ganhou o Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante e uma indicação para o Oscar.

Veja o filme, pense a respeito do que está acontecendo ao seu redor e procure ver qual a melhor atitude que se pode tomar contra o que você considera que esteja errado. Faça isso antes que o improvável aconteça e você tenha que colocar os seus livros e discos numa caixa de metal e enterra-los no quintal de sua casa para que ninguém os queime. Se isso já aconteceu várias vezes na história da humanidade e ainda acontece em alguns lugares, por que você acha que está imune a isso? Pense!



POR QUE ELES FAZEM O BEM?

Platão explica, e Freud também.

Por que o Super-Homem faz o que faz? O que há por trás da máxima que norteia o Homem-Aranha: "com grande poder, vem grande responsabilidade"? O que há por trás da máscara do Batman? As respostas para essas perguntas, ou pelo menos uma boa teoria a respeito, podem ser encontradas no livro *Super-Heróis e a Filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático*, da editora Madras. A coletânea é de Matt e Tom Morris, dois fanáticos por quadrinhos, sendo que Tom é um ph.D em Yale. O livro também faz parte de uma série de publicações que procuram passar ensinamentos filosóficos por meio da análise de ícones da cultura pop.

Trata-se de uma reunião de ensaios feitos por professores e estudantes da área de Filosofia e afins nas universidades norte-americanas, além de alguns especialistas em quadrinhos. O barato do livro é analisar atitudes e personalidades dos super-heróis mais populares, em especial os personagens da DC e da Marvel, e relaciona-los dentro de uma teoria filosófica.

E há passagens interessantíssimas no livro. Um exemplo é a evolução da personalidade de Bárbara Gordon (mais conhecida como Batgirl). Ela é enquadrada dentro do "perfeccionismo moral", teoria que começou com Platão e foi desenvolvida ao longo do tempo por diversos outros filósofos. Em resumo essa corrente teórica diz que "o

eu pode se tornar melhor e que uma vida verdadeiramente moral é aquela que o eu está sempre tentando se aperfeiçoar". O autor do ensaio, no caso James South, faz uma construção perfeita da evolução da personalidade da Batgirl. Desde o seu início e a necessidade da busca de um caminho a seguir, de encontrar um guia (na figura do Batman, no caso), até ela própria se tornar um sob a identidade de Oráculo.

Por outro lado há equívocos gigantescos percebidos até por aqueles que não sabem nada de filosofia. A análise das mulheres dos X-Men, por exemplo. Elas foram feitas com base no filme X-2. Tempestade é colocada como um caso de perfeição moral e Jean Grey vira um exemplo de ética porque salva seus amigos em troca da própria vida no final do filme. Mas a autora do ensaio não diz, por exemplo, que a Tempestade dos quadrinhos foi uma ladra e está muito longe de ser uma perfeição moral. Ela também ignora que Jean Grey destruiu uma civilização inteira como Fênix. Como vê, isso não é nada ético! Jean se encaixaria melhor numa teoria do tipo "gente que se transforma, ou se revela, quando concentra um grande poder nas mãos".

Tirando um ensaio ou outro, *Super-Heróis e a Filosofia* é uma leitura muito agradável e divertida. É também fundamental para quem quer se aprofundar nesse rico universo que é o dos quadrinhos.



Fala Galera,

Resolvi falar um pouco da vida, do amor, da loucura que é estar amorando (mistura de amor com namoro)! Mais do que um sentimento nobre, o amor nos levar a serenidade, a plenitude, um prazer único... profundo! Às vezes confundimos amor e ódio, afinal são sentimentos muito próximos! Desejo que você encontre um amor, uma amizade verdadeira, alguém que seja realmente único pra você!
"ROCK "N" ROOLL"!!!

Um Big Beijo no Coração

Gizza Machado
Energia Positiva Sempre!!!
Site: www.bigg.com.br
E-mail: gizza@gizza.com.br

LOUCURAS DE AMOR

ENQUANTO A CHUVA MOLHA O MEU ROSTO
LEMBRO QUE AINDA SOU CRINÇA
LEMBRO QUE AINDA SOU APAIXONADA PELA VIDA
LEMBRO QUE SOU LOUCA POR DIVERSÃO.
CRESCER PARECE SER PERIGOSO...
VOCÊ TEM QUE SER RESPONSÁVEL...
VOCÊ TEM QUE SER ALGUMA COISA...
POQUE NÃO POSSO SIMPLEMENTE VIVER...
QUERO RABISCAR MEU NOME NA AREIA
E QUEM SABE EU TENHA ALUMA IDÉIA GENIAL
QUE ME LEVE AO CAMINHO DA LIBERDADE
NEM QUE SEJA POR ALGUNS MINUTOS, ALGUNS SEGUNDOS.
QUERO TIRAR ESSA ROUPA QUE NÃO SERVE MAIS
E ENQUANTO VC DORME, EU CORRO PELAS RUAS
GRITO NAS AVENIDAS E RIO DE CADA PESADELO QUE
NÃO FAZ MAIS PARTE DA MINHA VIDA
E QUANDO VOCÊ PERCEBER O QUE ERA DISTANTE E FRIO
AGORA ESTÁ BEM PERTO E QUENTE NO MEU PEITO.
CONSIGO SENTIR CADA PULSAR DO MEU CORAÇÃO
ELE NÃO ESTÁ GELADO COMO EU IMAGINAVA,
PELO O CONTRÁRIO,
ELE ESTÁ MAIS VIVO DO QUE ANTES.
RECHEADO DE AMOR, O SEU AMOR
O MEU AMOR, O NOSSO AMOR.
COMETI O MAIOR CRIME DA MINHA VIDA
DE REALMENTE TE AMAR
NÃO MEDI AS CONSEQUENCIAS
APENAS ME DEIXEI LEVAR POR VC
E TODA ESSA LOUCURA É TUDO QUE PRECISO, BABY
VOCÊ FAZ O MEU MUNDO PIRAR
ÀS VEZES TE ODEIO, QUANDO MAIS TE AMO
E NESSA INSANIDADE PERCEBO PORQUE
O QUERO A CADA DIA MAIS E MAIS...

TE AMO...TE ODEIO...TE AMO...TE ODEIO
NA VERDADE TE AMO



A VIDA É...

(Para o Mandruvah)

Georgiana Calimeris

Para mim, a vida se assemelha a uma banda de rock, em que cada músico toca seu instrumento de modo único e particular, embora a perfeição seja buscada em prol da harmonia, do tom e nota certos. Cada instrumento é tocado individualmente, mas, todos juntos formam a canção que entra no peito, que fala de nós mesmos.

Há momentos na vida em que a harmonia se perde e a guitarra fica dissonante, o baixo dá a nota errada, a bateria entra no instante inapropriado e o cantor esquece a letra da música. Isso faz parte do que é viver, pois, é preciso conhecer muito bem as notas, os tons e errar muito para atingir aquele lugar em que tudo se acerta sem esforço algum.

Uma banda que tenha músicos integrados é como aquele lugar no Universo em que tudo comunga a favor, ou seja, é ter a conjunção astrológica perfeita em que mais um herói nasceu para brilhar. Assim como na vida, ninguém atinge este ponto sem luta, suor, lágrima, briga, dedicação, paixão, amor, raiva e frustração. É preciso persistir e não se deixar levar pelos dissabores e por aqueles que partem de nossas vidas.

Toda banda tem aquela história que um ou outro músico se vai e deixa um vazio para outro preencher, não da mesma forma, apenas de um outro jeito que se encaixe com o que acontece à volta. Nas vidas de todos há sempre um deserto. Mas logo a gente consegue superar e ir em frente para continuar tocando o rock de nossa vida com nossos músicos ralando para encontrar o que há de mais perfeito, principalmente, os momentos no palco, onde nada pode dar errado.

Antes de acertar tudo ou pisar no palco, houve o ensaio e a necessidade de repetir e correr atrás do grande sonho. Sem cair e ensaiar é a pedida certa para um grande tombo. De qualquer modo, até esta arrogância jovial faz parte do aprendizado. Afinal, a banda (como a gente) no começo de carreira passa pela fase de se considerar uma deusa, a melhor banda do mundo, pois, conhece todas as músicas,



El Guitarrista - Justin Bua

notas e acordes de cor e salteado. O problema reside quando junta todo mundo e tudo sai imperfeito porque falta a integração mágica em prol da perfeição.

Então, quando estamos fora de ordem, funcionamos sem a plenitude da conjunção planetária perfeita e o jeito é juntar todo mundo de novo e persistir com humildade, dignidade e com a certeza de que depois de tudo, acharemos a harmonia sonora, seja com os integrantes originais da banda ou não. Portanto, forme sua banda de rock, erre e ensaie porque é assim que a vida é.

DE REVOLUÇÕES E CLONES

A escritora Maria Rita Félix faz a sua estréia no Elefante Bu em mais um espaço criado para produções literárias

VOCÊ NO ESPELHO

Das memórias de João Mariz Fernandez: "Destacado para o regimento da colônia lunar. Faz dez anos agora. Ainda lamento. Às vezes, choro. Temendo à execução por desobediência, aceitei chefiar aquela expedição de captura a José Cordonella. O Conselho Mundial rotulava-o de 'criminoso político.' Mas eu o conhecia como ninguém: a melhor pessoa que já vi. Foram as idéias radicais obscenas ("liberdade de expressão", "democracia"...) que o arruinaram. José resistiu à prisão. Atirei nele. O Comando rosou pois ansiava fuzilá-lo em público - mas, no fim, ficou contente com aquela morte. Eu não. A memória dele ainda me assombra. Talvez, eu seja um fraco, afinal, por que um homem seria tão apegado a seu clone?"

O TEMPO APÓS

- _ Que lugar é esse? Está escuro! Tem alguém aí?
- _ Perguntas clichês, Carolina.
- _ Quem é você? Não consigo vê-lo.
- _ Não tenha medo. Vou acompanhá-la nessa travessia. Qual é a memória mais forte de sua vida?
- _ Que pergunta! Eu... O livro "Oito Minutos Debaixo D'água", de Nora Winterwood. Eu adoro. Hugo não gosta... Onde ele está?
- _ A festa no barco durante a tempestade. Você bebeu muito. Caiu na água...
- _ Eu... Afundei lembrando de "Oito Minutos...". Hugo gritou...
- _ Ele nunca confessou que amava você. Quase se afogou também tentando salvá-la.
- _ O que está dizendo?
- _ Você morreu.
- _ Mentira!
- _ Sinto muito. Comece a andar. Temos uma longa caminhada até... Um lugar melhor, onde a falecida Nora Winterwood espera para conhecê-la.



ZONA PROFUNDA

DANIELA/05

Na Estação Totalidade, na Antártida, guardas e algemas levavam Nikolai para o transmissor da Interface Dimensional. Uma vez, encontrara um viajante do tempo, depois assassinado pela polícia, que lhe contou sobre o mítico século XXI. A partir daí, Nikolai tornara-se o primeiro revolucionário de sua época. "O Governo Mundial é a Utopia sonhada pela humanidade" foram as palavras do juiz. "Você luta por democracia, liberdade, e livre-arbítrio, quimeras passadas que ameaçam a ordem perfeita do mundo. Por este crime, estaremos, ainda hoje, enviando-o para a Zona Profunda". Dizia-se que a Zona Profunda, onde o Governo despejava os indesejáveis, era, literalmente, o Inferno cristão, um outro mundo também oprimido suplicando por uma Revolução. Algo que Nikolai faria com prazer.